

O PROJETO NA PESQUISA FENOMENOLÓGICA

Antônio Carlos Gil - USCS

Resumo

As pesquisas orientadas fenomenologicamente caracterizam-se pela flexibilidade. Não cabe, portanto, definir normas rígidas a respeito do projeto que as orienta. Como, porém, muitas dessas pesquisas têm como propósito a obtenção de um título acadêmico, seus autores, com frequência, sentem dificuldade para adaptar sua proposta de pesquisa aos requisitos definidos pelas instituições. Assim, apresenta-se o presente trabalho que tem como objetivo discutir as vantagens e desvantagens da elaboração de projetos de pesquisas orientadas fenomenologicamente, bem como esclarecer acerca dos componentes que integram esses projetos. Para sua elaboração foram consideradas contribuições teóricas de pesquisadores que se dedicam à pesquisa fenomenológica, bem como a análise de projetos de pesquisa submetidos a instituições de ensino superior com vistas à obtenção dos graus de mestre e de doutor. Discute-se inicialmente o papel do projeto nas pesquisas fenomenológicas. Em seguida, passa-se à apresentação organizada – sempre seguida de discussão - dos elementos sugeridos para composição de um projeto de pesquisa.

Palavras chave: Pesquisa fenomenológica. Projetos de pesquisa.

Abstract

In this paper we discuss the development of the project in phenomenological research. Phenomenological researches are characterized by flexibility. Not responsible therefore set strict rules about the project design. As, however, much of this research are intended to obtain an academic title, the authors often go to have trouble adapting their research proposal to the requirements set by the institutions. Thus, it appears that this paper aims to discuss the advantages and disadvantages of the development of phenomenological researches and also explain about the components that make up these projects. For its construction were considered theoretical contributions of investigators engaged in phenomenological research, as well as analysis of research projects submitted to higher education institutions with a view to obtaining master's degrees and doctorates. It discusses first the role of design in phenomenological research. Then present the organized presentation - always followed by discussion - the items suggested to compose a research project.

Keywords: Phenomenological research. Research project.

1 INTRODUÇÃO

O propósito maior de Husserl com a criação da Fenomenologia foi o de apresentar um método que possibilitasse à Filosofia tornar-se uma ciência rigorosa. Assim, quem quer que pretenda realizar uma investigação com inspiração fenomenológica precisa também conduzi-la com critérios de rigor (BICUDO, 2000). Rigor esse que deve se manifestar já na elaboração do projeto, pois este é o documento que esclarece acerca das decisões importantes que são tomadas ao longo do processo de pesquisa.

Um projeto de pesquisa fenomenologica não pode, no entanto, seguir modelos previamente definidos, como os que orientam as pesquisas realizadas em moldes positivistas. Isto porque os projetos elaborados segundo esta perspectiva enfatizam a formulação clara e precisa do problema, a seleção de amostras proporcionais e representativas, a seleção de instrumentos

previamente validados para a coleta de dados e também a determinação dos procedimentos técnicos a serem adotados com vistas a garantir a objetividade na análise dos dados. São elementos que de modo geral não se ajustam aos projetos de pesquisa fenomenológica.

A maioria dos programas de mestrado e doutorado define – ainda que em linhas gerais – os elementos que devem constar dos projetos de pesquisa a serem submetidos para fins de qualificação dos candidatos. Assim, quando o pesquisador tem objetivos claros, já procedeu à adequada revisão bibliográfica e conseguiu definir procedimentos para coleta e análise dos dados, a elaboração do projeto torna-se uma atividade bastante simples. Tanto é que existem muitas obras – algumas elaboradas até mesmo sob a forma de manual – que orientam acerca da maneira como elaborar projetos de pesquisa voltados tanto para qualificação de candidatos como para pleitear a concessão de auxílio para a realização da pesquisa. Desde, é claro, que a pesquisa corresponda a algum dos delineamentos clássicos de pesquisa, como: experimentos, estudos de coorte, estudos de caso-controle e levantamentos de campo.

Esta tarefa torna-se mais complexa, no entanto, quando o pesquisador se dispõe a conduzir uma pesquisa fenomenológica. Isto porque, ao iniciar uma pesquisa desta natureza, o pesquisador, de modo geral, não tem um problema formulado de maneira clara, precisa e objetiva, não tem hipóteses de trabalho, não tem como definir previamente a extensão da amostra, como estruturar os instrumentos de coleta de dados e nem como determinar os procedimentos analíticos. Daí porque muitos pesquisadores que têm como propósito realizar uma pesquisa fenomenológica encontram dificuldades ao tentar ajustar seu projeto aos esquemas definidos pelas instituições.

O presente trabalho tem, pois, como propósito contribuir para que pesquisadores que optaram pela realização de pesquisas sob o enfoque fenomenológico disponham de elementos para a elaboração de seus projetos. Trata-se, portanto, de trabalho voltado principalmente para pesquisadores atuantes em programas de mestrado em doutorado, onde se requer a elaboração de uma tese ou dissertação como requisito para a obtenção do título do título correspondente.

Não se está propondo um manual para a elaboração de projetos de pesquisa fenomenológica. Como as pesquisas desenvolvidas sob este enfoque caracterizam-se pela flexibilidade, um manual teria pouco valor. O que se quer se objetiva, portanto, com este trabalho é primeiramente estabelecer uma discussão acerca das vantagens e limitações da elaboração um projeto de pesquisa fenomenológica para, a seguir, apresentar de forma organizada – mas sempre seguida de discussão - os elementos que integram o projeto de pesquisa.

Tanto a discussão quanto as sugestões para elaboração do projeto decorrem da experiência prática e de contribuições teóricas apresentadas por pesquisadores que se dedicaram à pesquisa fenomenológica, que são referenciados ao longo do texto. O texto, por sua vez, é organizado em seções que se seguem conforme as etapas geralmente seguidas no processo de pesquisa clássica.

2 O PAPEL DO PROJETO NA PESQUISA FENOMENOLÓGICA

A conveniência da elaboração de um projeto para as pesquisas orientadas pela perspectiva positivista é evidente. Sob esta perspectiva o pesquisador procura – de acordo com o ensinamento de Durkheim (2007) – tratar os fatos sociais como coisas. Assim, o que lhe cabe é definir uma lacuna no conhecimento e propor – mediante a utilização de procedimentos técnicos reconhecidos pela comunidade científica – a realização de uma pesquisa, seguindo etapas previamente definidas. Dessa forma, esse pesquisador, desde que disponha de um problema significativo, domine o campo teórico e tenha clareza acerca dos objetivos pretendidos, não encontrará maiores dificuldades na elaboração de um projeto de pesquisa.

O mesmo não ocorre, no entanto, com o pesquisador que pretende realizar uma pesquisa fenomenológica. Como um dos princípios fundamentais da fenomenologia é o da intencionalidade, o pesquisador entende que as coisas não podem ser isoladas de sua

manifestação. Assim, ao elaborar do projeto, o pesquisador fenomenológico – diferentemente de seus colegas que adotam o modelo positivista – não tem como identificar previamente as decisões a serem tomadas ao longo do processo de pesquisa. Ele não pode, por exemplo, especificar os objetivos da pesquisa, operacionalizar as variáveis, determinar o tamanho da amostra, validar um instrumento para coleta de dados ou determinar procedimentos estatísticos para testar suas hipóteses.

Pode-se até mesmo admitir não ser cabível a pretensão de elaborar projetos de pesquisa fenomenológica segundo o modelo clássico de pesquisa científica. Como o pensamento fenomenológico é essencialmente descritivo, tende a contrariar a tendência dominante nos meios científicos de privilegiar a explicação e a análise dos fatos. De fato, retornar às coisas mesmas é antes de tudo a desaprovação da ciência, já que como afirma Merleau-Ponty (1999, p. 2), “tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada”. É natural, portanto, que o pesquisador empenhado na realização de uma pesquisa sob esse enfoque sintá-se incomodado, principalmente quando é solicitado a justificá-la perante seus pares.

Mas isto não significa que o pesquisador fenomenológico não tenha razões para elaborar um projeto. Como provavelmente a maioria das pesquisas orientadas fenomenologicamente é realizada como requisito para a obtenção de um título acadêmico, as instituições exigem que sua efetivação seja precedida de um projeto minimamente esclarecedor dos propósitos da pesquisa e dos procedimentos a serem adotados em sua condução. Assim, o que se propõe aqui é a apresentação de orientações para subsidiar a elaboração de projetos correspondentes a essas pesquisas.

Cabe considerar, no entanto, que Husserl nunca se propôs a elaborar um método para realizar pesquisa empírica. O propósito da Fenomenologia, segundo seu criador, é o de fornecer elementos para no desenvolvimento das ciências eidéticas, ou ciências puras, que constituiriam a base das a base das ciências positivas. A transposição do método fenomenológico da filosofia para as ciências empíricas não é obra de Husserl, mas de seus seguidores. Seguidores estes que, em sua maioria não se empenharam em elaborar interpretações consistentes da fenomenologia. Por isso mesmo é que Giorgi (1985) considera que seria melhor definir a maioria de seus seguidores como seus desviantes.

Costuma-se lembrar, no entanto, que Husserl, em sua última obra apresenta as bases para a constituição de uma psicologia fenomenológica, que possibilitaria aos psicólogos resgatar a subjetividade como fonte originária da vida humana e a sua correlação com o mundo-da-vida (*lebenswelt*). Tanto é que diversos psicólogos elaboraram trabalhos referentes à psicologia fenomenológica (FORGHIERI, 2000; PENNA, 2001; GOTO, 2008). Mas, como acentua Giorgi (1985), essa psicologia fenomenológica é na realidade psicologia filosófica; não é fenomenologia psicológica e nem psicologia concreta fundamentada fenomenologicamente. Assim, nem mesmo os psicólogos teriam sido agraciados por Husserl com uma base segura para orientar seus projetos de pesquisa.

Feitas estas considerações, fica claro que este trabalho não pode ter como pretensão servir como um manual que permita ao pesquisador empenhado numa investigação de cunho fenomenológico definir, de forma unívoca e inquestionável, os procedimentos a serem adotados tanto em seu planejamento quanto em sua execução. Até mesmo porque a fenomenologia não pode ser reduzida a um “livro de receitas”; ela é muito mais uma abordagem, uma atitude, uma postura investigativa. Nenhum método pode ser arbitrariamente imposto a um fenômeno sem que se cause uma grande injustiça à integridade desse fenômeno (KEEN, 1975).

O que se pretende aqui é, pois, estimular a reflexão acerca da especificidade da pesquisa fenomenológica e apresentar elementos que possam contribuir para a elaboração de projetos

coerentes com a investigação fenomenológica, mas que possam ser lidos e compreendidos até mesmo por quem não tem maior familiaridade com esta modalidade de pesquisa.

3 AS PARTES DO PROJETO

O projeto de pesquisa fenomenológica é caracterizado pela flexibilidade. Não há, portanto, como definir rigorosamente as partes que o compõem, assim como o seu encadeamento. É possível, no entanto, identificar elementos importantes para que seja feita a análise do projeto e que podem, como nos projetos de pesquisa clássica ser agrupados em pré-textuais, textuais e pós-textuais. Os elementos pré-textuais obrigatórios são a capa, a folha de rosto e o sumário, embora seja comum acrescentar-se também o resumo. Sua elaboração dá-se de forma semelhante às pesquisas clássicas. Os elementos textuais, por sua vez, referem-se ao texto propriamente dito. Recomenda-se que esses elementos sejam agrupados em seções específicas: Introdução, Fundamentação Teórica e Trajetória Metodológica. Os elementos pós-textuais abrangem as referências – que são normatizadas - e os apêndices e anexos, elaborados conforme a especificidade de cada pesquisa.

3.1 Introdução

A Introdução deve ser elaborada de forma a despertar o interesse do leitor pelo conteúdo do projeto. Consiste fundamentalmente em apresentar o tema da pesquisa, problematiza-lo, definir os objetivos da pesquisa, contextualizar o pesquisa e justificar sua realização.

3.1.1 O tema da pesquisa

O primeiro elemento a ser considerado no projeto é o tema da pesquisa. Como na maioria das pesquisas, a escolha do tema na pesquisa fenomenológica constitui tarefa simples, pois este corresponde geralmente a um assunto de interesse do pesquisador, que é apresentado de maneira ampla. É preciso considerar, no entanto, que nem todos os temas propostos são adequados a estudos orientados fenomenologicamente. Temas apropriados são os referentes à experiência vivida pelos seres humanos, que se expressa em sentimentos, crenças, aspirações, e temores. Na área administrativa, por exemplo, é possível utilizá-la para pesquisar satisfação no ambiente de trabalho, o pertencimento a uma organização, o exercício da liderança, o moral no trabalho e a qualidade de vida no trabalho. Na área de saúde pode ser utilizada para investigar os fenômenos relacionados à vida, à doença, à dor, ao sofrimento, ao convívio com pessoas doentes, à perda de uma parte do corpo, ao medo da morte e à hospitalização. No campo psicológico, pode ser útil para estudar o convívio com a frustração, com a depressão, com a separação e com a sexualidade. Em educação, podem ser adequados para investigar o cotidiano dos alunos, o relacionamento professor-aluno, as aspirações acadêmicas, o medo do fracasso e da punição e a satisfação dos professores com a profissão.

3.1.2 O problema de pesquisa

Como qualquer pesquisa, a fenomenológica inicia-se com uma interrogação. Mas diferentemente de outras modalidades de pesquisa, como experimentos e levantamentos, na pesquisa fenomenológica o problema nesta etapa não está ainda bem definido pelo pesquisador. Ele corresponde mais a uma insatisfação do pesquisador em relação àquilo que ele pensa saber sobre algo. Ou a algo o incomoda, gerando uma tensão que o leva a buscar a essência do fenômeno. Fenômeno este que, ao mesmo tempo em que lhe causa certa estranheza, também lhe é familiar, pois faz parte da realidade vivida. Mas esta familiaridade não constitui ainda o conhecimento. Por esta razão, o primeiro momento da pesquisa fenomenológica é denominado pré-reflexivo, pois se refere a algo que o pesquisador pretende conhecer, mas que não está bem

explicitado (BICUDO, 1994). O que faz com que o problema nem sempre possa ser formulado mediante uma simples frase, como geralmente ocorre nas pesquisas clássicas.

3.1.3 Objetivos da pesquisa

Nos delineamentos clássicos de pesquisa a definição dos objetivos ocupa uma posição central. Isto porque com base na especificação dos objetivos é que se parte para a definição operacional dos conceitos neles contidos. Assim, esses projetos geralmente apresentam um objetivo geral e uma série de objetivos específicos. Convém também que nos projetos de pesquisa fenomenológica sejam apresentados os objetivos da pesquisa. Não se recomenda, no entanto, sua especificação, visto que a operacionalização de conceitos e variáveis não se aplica às pesquisas orientadas fenomenologicamente. Assim, pode até mesmo ocorrer que os objetivos sejam expressos pela transformação da expressão verbal do problema numa outra sob a forma afirmativa.

Os manuais de pesquisa enfatizam que após a formulação do problema, o pesquisador deve construir hipóteses com vistas a fornecer as respostas requeridas. Ora, as hipóteses são suposições, antecipações de respostas acerca do problema proposto. Na primeira etapa da pesquisa fenomenológica é necessário que o pesquisador deixe de lado tudo o que ele já conhece ou supõe acerca do fenômeno. Esta etapa corresponde à *epoché*, que implica a suspensão de qualquer hipótese que antecipe a realidade a ser investigada. Não cabe, portanto, a apresentação de hipóteses no projeto de pesquisa fenomenológica.

3.1.4 Contextualização

Na pesquisa fenomenológica – como já foi visto - os problemas de modo geral são apresentados de uma forma ampla. Sua delimitação corresponde a um processo que vai se dando ao longo do desenvolvimento da pesquisa. Convém, no entanto, indicar em que contexto a investigação será realizada, já que esta pode ocorrer no âmbito psicológico, sociológico ou antropológico, por exemplo. O próprio contexto geográfico – embora desconsiderado em muitas pesquisas fenomenológicas- também pode ser considerado. Basta lembrar que o geógrafo Armand Frémont (1980) considera a região geográfica como “espaço vivido”.

3.1.5 Justificativa

É importante justificar a realização da pesquisa. Muitas das pesquisas fenomenológicas incluem-se na categoria de pesquisas puras, não sendo, portanto, determinadas por objetivos práticos. Mas mesmo assim convém considerar o valor potencial de seus resultados para o conhecimento científico.

3.2 Fundamentação teórica

Como a fenomenologia está longe de constituir uma abordagem uniforme, torna-se importante apresentar a fundamentação teórica da pesquisa. É importante ressaltar porque muitas das pesquisas apresentadas como fenomenológicas não apresentam esse esclarecimento. Considere-se, a propósito, que de 353 teses e dissertações no campo da Enfermagem, produzidas entre 1987 e 2007, que indicaram ter utilizado o método fenomenológico, 32,9% não apresentam o referencial teórico utilizado. Os autores mais referenciados foram Heidegger, Schutz, Merleau-Ponty e Martins e Bicudo (ALMEIDA *et al.*, 2009).

Existem muitas abordagens fenomenológicas, que, longe de estarem solidificadas, são dinâmicas e apresentam constante desenvolvimento. Do ponto de vista essencialmente filosófico, é possível definir as abordagens: 1) Fenomenologia Transcendental, identificada com

Husserl e intérpretes, como Eugen Fink e Van Breda; 2) Fenomenologia Existencial, associada principalmente com Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty e Gabriel Marcel; e 3) Fenomenologia Hermenêutica, associada a Heidegger, Gadamer, and Ricoeur.

Quando se trata da aplicação do método fenomenológico na pesquisa, também podem ser identificadas múltiplas abordagens e variantes. A mais antiga abordagem é a da Fenomenologia Descritiva, de rigorosa inspiração husserliana e que busca estudar as estruturas essenciais dos fenômenos que aparecem na consciência. Originaram-se dessa abordagem os métodos definidos por Van Kaam (1959), Colaizzi (1978) e Giorgi (1985). Podem ser identificadas também algumas variantes dessa abordagem, como a que tem como enfoque o mundo vivido (ASHWORTH, 2003) e A que enfatiza a experiência vivida (Van MAANEN, 1991).

Outra abordagem é a Hermenêutica, que enfatiza o papel do pesquisador e os horizontes de interpretação e que se fundamenta nos trabalhos de Heidegger. Enquanto a Fenomenologia Descritiva se concentra principalmente nas descrições de experiências dos participantes, a Fenomenologia Hermenêutica vale-se também da análise de textos literários, poesia, correspondência etc. Esta abordagem também apresenta variantes. Uma delas é a Abordagem Reflexiva do Mundo Vivido (DALHLBERG *et al* (2008), que busca descrever e explicar o mundo vivido de uma forma a expandir nossa compreensão do ser humano e de sua experiência. Outra variante da fenomenologia hermenêutica é a Análise Fenomenológica Interpretativa (IPA) (SMITH; OSBORNE, 2003), que tem enfoque idiográfico e visa oferecer *insights* acerca da maneira como determinada pessoa, em dado contexto atribui sentido a determinado fenômeno. Ainda como variante desta abordagem aparece a Análise Crítica da Narrativa, que também focaliza o estudo individual, mas enfatiza a compreensão da história vida tal como é apresentada (LANGDRIDGE, 2007). A abordagem hermenêutica é uma das mais adotadas na pesquisa fenomenológica no Brasil, graças sobretudo ao trabalhos desenvolvido por Joel Martins, Maria Aparecida Viviane Bicudo e Vitória Espósito (MARTINS, BICUDO, 1989; BICUDO, ESPÓSITO, 1994).

Também vem se firmando a Abordagem Relacional (FINLAY; EVANS, 2009; HALLING; LEIFER, 1991; ROWE *et al* (1989), que enfatiza a emergência dos dados a partir do encontro dialógico entre o pesquisador e os participantes da pesquisa, designados co-pesquisadores.

Há, ainda, a abordagem heurística, adotada por Moustakas (1990), que também enfatiza o envolvimento do pesquisador na pesquisa, a ponto de sua experiência se tornar o próprio centro da investigação.

3.3. Trajetória metodológica

Os projetos de pesquisa incluem uma seção referente aos procedimentos metodológicos utilizados. No campo das ciências naturais e da saúde essa seção é denominada Materiais e Métodos. Já no âmbito das ciências humanas essa seção é denominada Metodologia, Métodos e Técnicas ou simplesmente Método. De modo geral, essa seção é subdividida em seções que tratam do tipo de delineamento, do processo de amostragem, das técnicas de coleta de dados e dos procedimentos de análise. Nas pesquisas fenomenológicas nem sempre se recomenda a subdivisão dessa seção, pois isto não contribui para o entendimento da metodologia como um processo. Assim, essa seção pode ser apresentada no projeto com um título como Trajetória Metodológica, indicando – mesmo que sem subdivisões – os procedimentos na coleta, análise e interpretação dos dados.

3.3.1 Coleta de dados

Como na pesquisa fenomenológica a ênfase é colocada na compreensão da experiência vivida dos outros, o procedimento mais adequado consiste em solicitar a um grupo de indivíduos que

relatem por escrito sua própria experiência (Van MANEN, 1990). Mas não são todas as pessoas que sabem escrever. E muitas das que são alfabetizadas não dispõem de habilidade para expressar sua experiência por escrito. Por isso a entrevista torna-se o procedimento mais adotado na pesquisa fenomenológica. Com efeito, esta técnica pode ser utilizada com muita flexibilidade, ajustando – se às características dos mais diversos tipos de informantes, inclusive daqueles que tem dificuldade para se expressar por escrito. A modalidade de entrevista mais adotada, por sua vez, é a entrevista não estruturada, que permite a livre expressão do entrevistado ao mesmo tempo em que garante a manutenção de seu foco pelo entrevistador.

Também podem ser utilizadas outras técnicas que possibilitam a expressão oral dos indivíduos, como histórias de vida e depoimentos pessoais. Por história de vida entende-se o relato de uma pessoa sobre sua existência através do tempo, procurando reconstruir os acontecimentos que ele considera importantes. Por depoimento pessoal entende-se o relato de uma experiência individual que revela sua ação como pessoa e participante da vida social. A diferença básica entre estas duas técnicas está, pois, na forma de agir do pesquisador. Na obtenção depoimentos, o pesquisador adota uma postura mais ativa, procurando obter as descrições que se relacionam diretamente com o tema da pesquisa. Já na história de vida, o pesquisador permanece mais silencioso, minimizando sua interferência (QUEIROZ, 1987).

Enquanto as histórias de vida referem-se à trajetória de um indivíduo num longo período, os depoimentos pessoais concentram-se num curto espaço de tempo. A história de vida demanda muito mais tempo tanto para obtenção das informações quanto para sua transcrição. Assim, as pesquisas que utilizam histórias de vida de modo geral apresentam um pequeno número de informantes. Já as que utilizam depoimentos permitem a ampliação desse número, o que contribui para destacar as semelhanças e diferenças.

Também há pesquisas fenomenológicas fundamentadas em relatos escritos. Alguns desses relatos decorrem de solicitação para responder por escrito às perguntas, com vistas a garantir o anonimato. Mas há relatos elaborados espontaneamente por algumas pessoas e que também podem proporcionar dados para pesquisas fenomenológicas. É possível considerar até mesmo cartas deixadas por suicidas como relatos importantes para este tipo de pesquisa.

3.3.2 A pergunta norteadora

A trajetória da pesquisa fenomenológica inicia-se com a pergunta norteadora. Ela é que serve de abertura e de guia para o que se pretende investigar (ESPÓSITO, 1994). Deve ser elaborada de forma tal que permita dar início ao diálogo entre pesquisador e garante a liberdade tanto para a descrição do entrevistado quanto para que sejam feitas novas formulações no transcorrer da conversa.

A pergunta norteadora na pesquisa fenomenológica é muito diferente das que orientam as pesquisas sociais clássicas. Nestas, a pergunta é construída em termos claros e precisos de forma a permitir que possa ser formulada por qualquer pesquisador “desinteressado”. Para Van Manen (1990, p. 44), a pergunta fenomenológica precisa ser “vívda” pelo pesquisador. Ela não pode, portanto, ser formulada definitivamente logo no início da pesquisa, já que pode ser alterada à medida que se estabelece a relação com o pesquisado.

Na maioria das pesquisas constrói-se uma única pergunta orientadora. Esta pode, no entanto, ser subdividida em duas ou três, mas devem voltar-se essencialmente para a compreensão do significado da experiência vívida a ser pesquisada, pois esta constitui o ponto de partida pesquisa fenomenológica.

A pergunta orientadora pode refletir a abordagem adotada pelo pesquisador. Considere-se, por exemplo, formulação da pergunta por seis pesquisadores que adotam abordagens diferentes num estudo com o propósito de pesquisar a experiência de “sentir-se perdido” (FINLAY, 2008). Um

pesquisador orientado pela perspectiva descritiva poderia perguntar: “Qual a experiência vivida da sensação de perda?”. Um pesquisador heurístico poderia preferir atender à sua própria experiência e perguntar: “Qual a minha experiência de sentir-se perdido?”. Um pesquisador animado pela perspectiva do *lifeworld* (mundo vivido) poderia perguntar: “Qual o mundo vivido de quem se sente perdido?”. Um pesquisador vinculado à Análise Fenomenológica Interpretativa, com vistas a captar variações entre os co-pesquisadores, poderia perguntar: “Qual a experiência individual de sentir-se sozinho?”. Um pesquisador identificado com a abordagem crítico-narrativa, visando interrogar uma única pessoa, poderia perguntar: “Que história poderia ser contada acerca da sua experiência quanto a sentir-se perdido?”. Um pesquisador relacional, por fim, buscando intensificar a dinâmica do encontro com o pesquisado, poderia perguntar: “Como é sentir-se perdido?”.

3.3.3 Seleção dos participantes

A seleção dos participantes é um dos itens que mais provocam dúvidas nos pesquisadores. Como o que se pretende na pesquisa fenomenológica não é a generalização dos resultados, não há razão para selecionar uma amostra proporcional e representativa em relação a determinado universo de pesquisa. O que interessa é que os sujeitos sejam capazes de descrever de maneira acurada a sua experiência vivida. Mas é importante definir os critérios de exclusão e de inclusão dos participantes. Nesse sentido, van Kaam (apud POLKINGHORNE, 1989) estabelece seis critérios para determinação dos participantes: 1) habilidade para se expressar facilmente com palavras; 2) habilidade para perceber e expressar seus sentimentos e emoções sem vergonha ou inibição; 3) habilidade para expressar as sensações orgânicas que acompanham esses sentimentos; 4) experiência relativamente recente com a experiência que está sendo estudada; 5) interesse espontâneo na própria experiência, e 6) habilidade para escrever ou reportar-se a respeito do ao que estava ocorrendo interiormente nesse período.

Não é possível definir *a priori* o número de participantes. Essa estimativa depende dos objetivos do estudo, da natureza do tópico, da quantidade e qualidade das informações pretendidas dos participantes e do número de vezes que serão submetidos a entrevistas. Pode ocorrer que um único sujeito seja suficiente para alcançar os propósitos da pesquisa. Consta-se, no entanto, que raramente se utiliza uma amostra superior a vinte participantes.

3.3.4 Coleta de dados

Para coleta de dados na pesquisa fenomenológica requer-se o estabelecimento de um clima de receptividade. É importante assegurar a confidencialidade dos dados obtidos e obter permissão para que as entrevistas ou depoimentos sejam gravados. Também é importante deixar claro para os participantes quanto tempo será necessário para obtenção das informações. Isto para evitar que à medida que o tempo for passando, os respondentes sintam-se ansiosos pelo final da entrevista e passem a fornecer informações inadequadas ou insuficientes. E como o tempo necessário para a obtenção dos dados pode ser longo, convém que o local e as condições em que são realizadas as entrevistas sejam satisfatórios.

Como a pesquisa fenomenológica envolve seres humanos, torna-se necessário a obtenção do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da pessoa entrevistada. Assim, cabe apresentar o modelo deste termo, preferencialmente em apêndice. Não se justifica a realização de uma pesquisa fenomenológica sem o atendimento deste requisito.

3.3.5 Análise dos Dados

Uma das principais características da pesquisa fenomenológica é a flexibilidade. Assim, não se justifica definir antecipadamente todos os procedimentos a serem seguidos no processo de análise. Diversos autores, no entanto, desenvolveram modelos de análise. O primeiro foi elaborado por Adrian Van Kaam (1959). Seguiram-se os modelos de Keen (1975), Colaizzi

(1978), Giorgi (1985), Hycner (1985) e as reelaboração dos métodos de Van Kaam e Colaizzi, propostos por Moustakas (1994).

Um dos modelos mais utilizados é o de Giorgi, caracterizado por sua simplicidade, e que se desenvolve em quatro etapas: 1) leitura geral do material, 2) definição de unidades de significado, 3) expressão das unidades na perspectiva escolhida pelo pesquisador, e 4) formulação de uma síntese das unidades.

Qualquer que seja o modelo adotado, especial atenção deverá ser dada ao tratamento das unidades de significado. Nesse sentido, cabe lembrar o recurso da matriz nomotética, proposto por Joel Martins (1989), que é construída pelo cruzamento entre a identificação das unidades de significado e a indicação das descrições individuais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se que sugestões aqui oferecidas possam contribuir para que pesquisadores empenhados na realização de pesquisas segundo o enfoque fenomenológico disponham de um roteiro mínimo para elaboração de seus projetos. Procurou-se, para tanto, evitar que a proposta se caracterizasse como um manual de procedimentos, o que a tornaria incompatível com o modo fenomenológico de pesquisar. Cada tópico considerado foi seguido pela pertinente discussão, visando dar oportunidade para que o pesquisador, após reflexão, possa decidir pelo que convém ou não incluir em seu projeto. Assim, seguindo as orientações sugeridas, os pesquisadores terão como tornar seus projetos facilmente inteligíveis aos membros das comissões de pós-graduação dos programas de mestrado e doutorado e aos avaliadores das agências de financiamento de pesquisa, ao mesmo tempo em que garantem coerência com os princípios que orientam a pesquisa fenomenológica.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA Inez Silva de; CRIVARO, Elizabeth Timotheo; SALIMENA, Anna Maria de Oliveira; SOUZA, Ivis Emilia de Oliveira. O caminhar da enfermagem em fenomenologia: revisitando a produção acadêmica. *Revista Eletrônica de Enfermagem*. [Internet]. v. 11, n. 3, p. 695-9, 2009.

Disponível em: < <http://www.fen.ufg.br/revista/v11/n3/v11n3a30.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2010.

ASHWORTH, Peter D. An approach to phenomenological psychology: the contingencies of the lifeworld. *Journal of Phenomenological Psychology*, v. 34, n.6, p.145–156, 2003.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani, ESPÓSITO, Vitória Helena Cunha (Orgs.). *Pesquisa qualitativa em educação*. Piracicaba: Unimep, 1994.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. A pesquisa qualitativa fenomenológica à procura de procedimentos rigorosos. In: _____. *Fenomenologia: confrontos e avanços*. São Paulo: Cortez, 2000. p. 70-102.

COLAIZZI, Paul. F. Psychological research as the phenomenologist views it. In: VALLE, R.S; KING, M., (Orgs.). *Existential phenomenological alternatives for psychology*. p. 48-71. New York: Oxford University Press, 1978.

DAHLBERG, Karin; DAHLBERG, Helena; NYSTROM, Maria. (Eds). *Reflective lifeworld research*. 2ª ed. Lund: Studentlitteratur, 2008.

DURKHEIM, Emile. *As regras do método sociológico*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ESPÓSITO, Vitória Helena Cunha. Pesquisa qualitativa: modalidade fenomenológico-hermenêutica - relato de uma pesquisa. In: BICUDO Maria Aparecida Viggiani; ESPÓSITO, Vitória Helena Cunha (Orgs.). *A pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico*. Piracicaba: Ed.Unimep, 1994. p. 81-93.

FINLAY, Linda; EVANS, Ken. *Relational centred qualitative research for psychotherapists and counsellors: exploring meanings and experience*, Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.

FINLAY, Linda. *Introducing phenomenological research*. Disponível em: <<http://www.lindafinlay.co.uk/phenomenology.htm>>. 2008. Acesso em 20 jun.2010.

FORGHIERI, Yolanda C. *Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisa*. São Paulo: Pioneira-Thomson, 2000.

FRÉMONT, Armand. *A região, espaço vivido*. Coimbra: Almedina, 1980.

GIORGI, Amedeo. Sketch of a psychological phenomenological method. In: GIORGI, Amedeo (Org.). *Phenomenological and psychological research*. p. 8-22. Pittsburgh: Duquesne University Press. 1985.

GOTO, Tommy Akira. *Introdução à psicologia fenomenológica: a nova psicologia de Edmund Husserl*. São Paulo: Paulus, 2008.

HALLING, Steen; LEIFER, Michael. The theory and practice of dialogal research. *Journal of Phenomenological Psychology*, v. 22, n.1, p. 1-15, 1991.

HYCNER, Richard H. Some guidelines for the phenomenological analysis of interview data. *Human Studies*, v. 8, p. 279-303, 1985.

KEEN, Ernest. *A primer in phenomenological psychology*. New York: Holt, Reinhart and Winston, Inc., 1975.

LANGDRIDGE, Darren. *Phenomenological psychology: theory, research and method*. Harlow, England: Pearson Prentice Hall, 2007.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Educ/Moraes, 1989.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOUSTAKAS, Clark. *Phenomenological research methods*. Sage Publications: Thousand Oaks California, 1994.

PENNA, Antonio Gomes. *Introdução à psicologia fenomenológica*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

POLKINGHORNE, Donald E. Phenomenological research methods. In R. Valle, & S. Halling (Eds.), *Existential-phenomenological perspectives in psychology*. New York: Plenum. P. 41-60.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indivisível” ao “divisível”. In *Ciência e cultura*. São Paulo: n. 3, v. 39, mar., 1987.

ROWE, Jan O. *et al.* The psychology of forgiving another: a dialogal research approach. In: VALLE, R. S.; HALLING, S. (Eds) *Existential-phenomenological perspectives in psychology: exploring the breadth of human experience*. New York: Plenum Press, 1989.

SANDERS, Patricia. *Phenomenology: a new way of viewing organizational research*. *The Academy of Management Review*, v. 7, p. 353-360. 1982.

SMITH, Jonathan A.; OSBORN, Mike. Interpretative phenomenological analysis. In SMITH, J. A. (Eds.) *Qualitative psychology: a practical guide to research methods*. London: Sage Publications, 2003.

Van KAAM, Adrian. *Phenomenological analysis: exemplified by a study of the experience of “really feeling understood”*. *Journal of Individual Psychology*, v. 15, p. 66-72. 1959.

Van MANEN, Max. (1990) *Researching lived experience: human science for an action sensitive pedagogy*. New York: State University of New York Press, 1990.

Van MANEN, Max. *The tact of teaching: the meaning of pedagogical thoughtfulness*. New York: State University of New York Press, 1991.